



Fotografia e religião: o trabalho do fotógrafo paraense Guy Veloso¹

“Andá com fé eu vou que a fé não costuma faiá”.
Gilberto Gil

Fabíola Corrêa da Costa Oliveira²
Universidade Federal do Pará – UFPA

Resumo

A relação do homem com o Divino em suas diversas formas de organização religiosa social, são o instrumento de trabalho do fotógrafo Guy Veloso, que busca nas informações imagéticas as respostas para o seu processo de autoconhecimento. As diversas significações dos elementos visuais retratam a visão de mundo do fotógrafo, em que a fé se concretiza no olhar de um romeiro, no gesto de um penitente ou no hino de uma seita. O caráter documental e estético se entrecruzam, exigindo uma “leitura” minuciosa da construção fotográfica.

Palavras-chave

Fé; religião; fotografia; imaginário; sociedade.

Introdução

Desde o princípio dos tempos, o homem busca explicações mitológicas para mistérios da vida, e a religião é um dos caminhos onde se acham as respostas. O ser humano passou então a organiza-se em grupos de acordo com seus valores, implementando dogmas e cerimoniais ritualísticos.

A fé, reafirmada por meio das romarias e penitências, são uma forma de interação social e de satisfação pessoal. Ricos e pobres, negros e brancos, se misturam em meio às crenças a fim de louvar as divindades de quem acreditam ser o Grande Ser de Luz e libertação.

Os movimentos religiosos populares existem em profusão pelo país, muitos deles secretamente e de caráter messiânico. Essas manifestações, às vezes desconhecidas do grande público, são o instrumento de pesquisa e trabalho do fotógrafo paraense Guy Veloso.

Curioso pelas relações do homem com o Divino, Guy Veloso faz um panorama de seus registros como um processo de autoconhecimento. O presente artigo faz um histórico do

¹ Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2007, dentro do Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, sub-área Comunicação audiovisual.

² Aluna cursando o quinto semestre de Comunicação social – jornalismo na Universidade Federal do Pará. Concorreu ao Prêmio Expocom Norte 2007 nas categorias Jornalismo, Produção editorial e cultural, Publicidade e Propaganda e, Rádio e TV. fabiolajornalista@yahoo.com.br



trabalho do fotógrafo, relacionando fé, religião, imaginário e fotografia. O objetivo é entender a construção imagética como um organismo vivo, pois a sociedade está em constante transformação e o retratável carrega um extenso conjunto de significados históricos e sociais.

O trabalho de Guy Veloso

Paraense e formado em Direito, iniciou o trabalho com a fotografia em 1989. Fotografar é seu ofício por paixão, mas se sente constrangido em ser fotografado. Para ele, o ato de registrar é um processo de desenvolvimento pessoal, de autoconhecimento.

A curiosidade por religiosidade desde a adolescência definiu sua linha de pesquisa, direcionando-se ao registro de seitas e rituais religiosos. É de formação Católica, mas se considera espiritualista.

A fé é a base e as seitas são um instrumento infundável das imagens na qual o “visível” sobrepõe diversas significações do imaginário social o qual o fotógrafo retrata. Sua linha de pesquisa segue três campos: as romarias, os penitentes e as seitas. Seu objeto de estudo é o ser humano e os rastros deixados por ele, a exemplo das velas acesas.

O trabalho recebe influências da arqueologia e pintura, principalmente da época do Impressionismo, Construtivismo e Arte Conceitual.

Seu primeiro ensaio ligado à religiosidade foi o Caminho de Santiago de Compostela, realizado em 1993 e exposto em 2000. Contudo, essa foi a sua segunda exposição individual.

A primeira exposição individual foi “Shanti: o caminho das Índias”, em 1998, com imagens da Índia, onde o fenômeno religioso está presente no sincretismo de significações das crenças de origem hindu. A terceira foi “Entre a fé e a febre”, em 2006, que reuniu algumas de suas melhores fotos realizadas durante os vários anos de trabalho pelo país.

Fora as três exposições individuais, já participou de mais de 100 coletivas. Enquanto não se sente seguro para expor seu trabalho, prefere guardar o material pelo tempo necessário.

Seu trabalho assemelha-se a de um antropólogo, pois registra por escrito, fotografa e filma minuciosamente os elementos e as pessoas componentes das imagens, que se formam por meio de um olhar relativizado. Contudo, não se considera um antropólogo, e sim um comunicólogo.



Os textos possuem caráter documental e são mais fidedignos, diferente da fotografia, na qual estão carregadas do olhar e das formas de ver o mundo do fotógrafo, não tendo o caráter de mero documental, e sim também o estético. Os vídeos, iniciados em 2004, e as anotações são mais precisos e espontâneos.

Para ele, nem sempre o fotógrafo é um antropólogo visual. Às vezes é só um artista que não está preocupado com os registros documentais, e sim com o olhar estético, e Guy procura harmonizar esses dois campos, sendo que a estética tem uma relevada importância.

A relação imagética das cores com os outros elementos estão carregadas na semiótica.

As cores quentes são constantes em sua obra, remetem ao fogo como os tons avermelhados (o ardor da fé, o fogo das velas acesas) , ao sangue (dos penitentes, do esforço, de Jesus, etc). Os tons frios também compõem as imagens, a exemplo do branco (signo de pureza, castidade, singeleza) e azul (céu). O preto e branco adquire um caráter mais documental.

Não coloca as coisas realmente como são, somente as fantasias e idealizações nas fotos (os anexos possuem algumas obras do fotógrafo).

Como evento cultural e antropológico, interessa-se pelos rituais de flagelação. Tem curiosidade para saber até onde o homem pode chegar por causa da fé, os seus extremos. Ver nos olhos dos penitentes e perceber seu estado de êxtase tem um magnetismo para ele. O brilho é interessante, mas quando viu o sangue pela primeira vez causou-lhe espanto, depois foi se acostumando.

Admira essa fé intensa, mas a vê como cega, pois os fiéis estão envolvidos em doutrinas que consideram verdades absolutas. Gosta de mostrar o estranhamento nas fotos, procura a carnavalização através das imagens³.

Quando fotografa, o faz para si, não pensa no observador de sua obra no ato do registro, somente quando documenta em vídeo e em escrito deixa um espaço aberto para pesquisa posterior. Define o seu trabalho sendo tanto explicativo, como de tradução e interpretativo.

A imagem é um pouco do seu pensar, a imagem do que ele é, pois está carregada de valores, (pré) conceitos, e da visão de mundo de quem a registrou. Há mais subjetividade em uma fotografia do que se imagina. A objetividade e o registro do real

³ Segundo o lingüista Mikhail Bakhtin, o conceito de carnavalização pode ser tanto um desvio como também uma inversão dos costumes consagrados, provocando uma reflexão sobre as crenças e padrões sociais por meio do grotesco, das orgias, dos rituais religiosos, etc.



não são estruturas estáticas, já que a sociedade está em constante transformação, as imagens se transformam juntas.

Aquele que olha e “vê” sua obra não é a dona da verdade. O observador procura respostas em uma imagem, pesquisa com a visão algo que exigiu de Guy uma extensa pesquisa bibliográfica.

Quaisquer que sejam as interpretações de suas imagens segundo o olhar de quem vê sua obra, o objetivo comunicacional se concretiza, mesmo que a interpretação não seja a mesma dele.

Ele diz ter a humildade de saber que sua criação não é a mais absoluta verdade, mas tem orgulho em saber que é o primeiro a documentar certos fenômenos religiosos. Alguns grupos de penitentes são secretos.

Alguns dos grupos que registrou não existem mais, já que às vezes morre o líder e este não prepara alguém para continuar a doutrina, principalmente porque muitos dos fiéis são analfabetos e não sabem ler os hinos e os ensinamentos. Então o grupo se dissolve, outros fiéis morrem e assim a doutrina deixa de existir.

Tem a preocupação de enviar as fotos para os locais que retratou como forma de agradecimento. Dessa maneira, ganha a confiança das pessoas e acaba por receber indicações sobre outros grupos ditos secretos. É uma troca, pois também ganha presentes, que faz questão de catalogar contendo os dados: o nome do proprietário do objeto anterior à pessoa que lhe deu, o nome de quem lhe deu, data, local e condição que foi dado. Seu acervo conta com mantos, disciplinas, matracas (tocadas apenas na Quaresma para lembrar que Jesus Cristo foi morto, em ritos melancólicos, lúgubres e emotivos), coroa de espinhos, faixas, etc.

Segundo o sociólogo Émile Durkheim, além do objeto religioso considerado em cada situação, a força religiosa não é intrínseca no objeto, mas está agregada a ele. Então o objeto pode não ter em si mesmo características religiosas e ainda possuir caráter sagrado para determinado grupo de sujeitos e não pra outro (ANDACHT, 2000).

Guy sempre volta aos locais que registrou, esse retorno gera uma abertura para um diálogo mais confiante, e sua obra adquire um olhar diferente, as fotos ficam menos posadas e mais espontâneas.



Ele prefere não chamar as devoções populares de seitas, contudo a não consolidação de uma religião a designa dessa maneira⁴.

Entre os locais de registro está Juazeiro do Norte - Ceará, berço de religiosidade no Brasil, cidade que o marcou ao assistir em 1998 o filme “Central do Brasil”, do diretor Walter Salles. Então decidiu ir à grande romaria em louvor a Padre Cícero, que acontece na quaresma.

Nasceu então o interesse por movimentos messiânicos, contudo ele não crê na profecia de fim de mundo pregada pelo Messianismo.

Afirma que a verdade não existe, toda a lógica e porquês estão em uma outra visão de campo. Vivemos em uma ilusão e a percepção dessa visão vem com o “despertar”, o olhar nas entrelinhas. Muitas religiões vivem na ilusão assim como nós no dia-a-dia, pois têm os seus dogmas como a verdade absoluta.

- **Equipamento fotográfico**

Guy Veloso usa duas máquinas analógicas modelo Leica M-6, uma com filme preto e branco e outra com colorido. As lentes são Leica Summilux 35mm F1.4.

Fez alguns registros no digital com a câmera Sony Cybershot DSC-N2 10.1 MP, no período entre outubro de 2006 a abril de 2007, contudo, o equipamento foi roubado, mas diz que prefere o material analógico, pois acha a lente Leica de excelente qualidade e as fotos possuem mais nitidez.

O corpo da Leica digital é muito caro e ainda não há uma com alta resolução que iguale em qualidade com a tradicional analógica, por isso não troca a sua máquina atual por uma digital.

Os filmes coloridos que usa são Fuji Provia 400 e o Ektachrome Kodak iso 100, e preto e branco, o T-Max 100 Professional Kodak e T-Max 400. Prefere os filmes slide porque as cores saem mais saturadas. Como passa o mês da Quaresma no Nordeste, ele gasta em média 40 filmes.

Religião, Messianismo e penitentes

⁴ Seita é uma doutrina dissidente às doutrinas e/ou ideologias centrais em que se insere, formada por um ou mais grupos de pessoas, geralmente dirigidos por líder carismático, com fraco ou pouco reconhecimento geral por parte da sociedade.



Religião é um direito garantido do homem, independentemente de suas formas de expressão. De acordo com o artigo 5º da Constituição Brasileira, todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, destacando os termos seguintes:

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Apesar do direito assegurado por lei e da cultura religiosa brasileira ser marcada pelo sincretismo, ainda se vê muitos casos de discriminação e preconceito, a exemplo de algumas seitas que sofrem represálias e são malvistas por parte da sociedade. Mesmo que todas as romarias sejam controladas pela Igreja Católica, inclusive às de caráter religioso popular e doutrinadas pelo messianismo, causam certo estranhamento por onde passam. O sofrimento é esquecido e todas as alegrias se mantêm durante as devoções realizadas em romarias, penitências.

Um imenso número de fiéis vai as romarias em Juazeiro do Norte (em torno de um milhão e meio de pessoas), que iniciam no dia dois de fevereiro, na festa de Nossa Senhora das Candeias. Em setembro tem a festa da Padroeira, Nossa Senhora das Dores e em novembro, no dia 2, feriado de finados. Todas são datas que aglomeram milhares de fiéis, romeiros, turistas, a mídia, fotógrafos, etc.

Além destas datas fixas ainda são comemorados o nascimento de Padre Cícero, 24 de março, e a morte em 20 de julho. Ocasionalmente, no dia 20, os juazeirenses e romeiros vestem-se de preto na tradicional “missa do dia 20” de cada mês.

Para o povo, Padre Cícero é milagreiro, e alguns atribuem o caráter messiânico ao religioso.



O messianismo é originado de algumas religiões da Pérsia antiga e foi incorporado pelos judeus durante a dominação persa nos séculos VI a IV a.C. Para os judeus, Messias é alguém que viria libertar o seu povo, criando ou restaurando um governo de paz e de prosperidade, onde o governo seria baseado na justiça e nas bênçãos. O Cristianismo incorporou o messianismo na figura de Jesus, como aquele que vai retornar no final dos tempos para combater o Anticristo, instalando a paz no mundo.

A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiróz define como Messias “aquele que é enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre; tratando-se de um líder religioso e social”. (SILVA, 2006, p.14).

O líder messiânico é uma figura dotada de carisma, profeta, um grande comunicador, portador de uma mensagem divina em oposição aos sacerdotes, o clero estabelecido oficialmente.

O messianismo é considerado um movimento social pelo seu caráter coletivo, dinâmico, popular e de busca pela destruição de estruturas consideradas injustas, visando a construção de um novo mundo. Ele existe no Brasil desde o período Colonial, e tem grande expressividade na região Nordeste do País, onde há um grande número de retirantes, sertanejos, na qual associa-se à figura do homem sofrido.

Os moradores de Juazeiro do Norte crêem que ali é a nova Jerusalém, e alguns chegam a afirmar que a cidade localizada em Israel não existe mais.

As romarias e seitas ocorrem durante o ano todo em todo o país. Os rituais de penitência ocorrem somente na Quaresma³, sendo que os grupos de penitentes só saem a noite.

Os penitentes só param de se autoflagelar quando o chefe do grupo manda parar e eles já estão muito feridos.

Guy Veloso está trabalhando agora com o tema dos penitentes, mas afirma que ainda há muitos lugares a visitar e material a registrar.

Fotografia e religião

³ A palavra Quaresma vem do Latim quadragésima e é utilizada para designar o período de quarenta dias que antecedem a festa ápice do cristianismo: a Ressurreição de Jesus Cristo, comemorada no Domingo de Páscoa. Esta prática data desde o século IV. Essencialmente, o período é um retiro espiritual voltado à reflexão, onde os cristãos se recolhem em oração e penitência para preparar o espírito para a acolhida do Cristo Vivo, Ressuscitado no Domingo de Páscoa. Assim, retomando questões espirituais, simbolicamente o cristão está renascendo, como Cristo.



A fotografia possibilita diversas interpretações a partir do olhar do observador. No contexto antropológico a proposta é aproximar-se do real, contudo o real não é algo fixo, porque a imagem carrega a relação de fantasia sobre a própria sociedade do fotógrafo, e essa fantasia é formada a partir do real da sociedade. É o real envolto pelo imaginário.

Segundo a antropologia, a fotografia não é somente um relato, e sim um estudo de como o objeto relatado se forma e desenvolve. A antropologia visual estuda os sistemas representacionais da cultura visível, por isso, sendo a fé algo abstrato, não pode ser retratada integralmente. Ela não é concretizada, mas deixa rastros.

A religião diz respeito ao íntimo das pessoas, é a relação subjetiva entre o “eu” e o Divino. Na fotografia religiosa, o contato ocorre entre o “eu” imagético de quem registra e o “eu” real do fato observado, da sociedade.

Ao fotografar, o fotógrafo imagina, o recurso técnico e o modo de construir a fotografia resultam no “congelamento” do instante fotográfico, uma redução das desencontradas temporalidades contidas nos diferentes componentes da composição a um único tempo.

O “congelar” é sublinhar um elemento de referência do imaginário, cujo âmbito não se diminui aos reducionismos dos supostos “congelamentos”.

Os fotógrafos também imaginam e são agentes de personificações das estruturas e processos sociais. Portanto, reduzir a fotografia a um congelamento é depreciar o próprio produto, já que por trás do visível, há uma teia de significações codificadas pelos elementos visuais.

Daí as significações estruturais de uma fotografia feita em Juazeiro do Norte pode nos remeter a elementos históricos, econômicos e sociais do homem sofrido, trabalhador, sertanejo devoto à Deus e componente de uma grande família. O uso, objeto e objetivo da fotografia estão relacionados.

O ato fotográfico e o ato interpretativo de uma fotografia de movimentos religiosos estão cobertos de fragmentos de temporalidade da peregrinação de vida do ser humano e da vida dos homens em romarias, da busca pelo Divino como forma de libertação das dores do mundo. Esse é um processo incessante e inacabável.

Conclusão

O homem é curioso por natureza. As perguntas que faz a si mesmo sobre o inexplicável pela razão, a baixa taxa de alfabetização e a pobreza, contribuem para o surgimento de



um grande número de grupos religiosos espalhados por todo o mundo, formados pelo sincretismo e pela fé ardorosa.

No Brasil, os movimentos messiânicos, em especial no Nordeste, despertam a atenção de curiosos, como é o caso do fotógrafo Guy Veloso.

O registro fotográfico de romarias, seitas e penitências, reflete como grande parte da população se relaciona com o Divino, mas também exhibe as marcas da pobreza e do analfabetismo ainda existente entre a população.

Ter fé e religião é acreditar que existe uma força maior que rege esse mundo. É um direito de qualquer cidadão expressar-se religiosamente. Sejam pessoas esclarecidas ou não, essa relação causa fascínio aos olhos da mídia, estranheza aos descrentes e interrogações à vista relativizada do fotógrafo Guy Veloso.

A beleza das imagens está no gesto, na crença. Olhar esses grupos e registrar é, acima de tudo, uma relação de respeito e confiança. A foto nos remete à nossa cultura e à nossa história, em que a sociedade está refletida por meio de elementos visuais.

Registrar o ato religioso para Guy Veloso é um processo de autoconhecimento, e assim o é também para o observador, que admira as belezas estéticas da imagem, que vem carregada de mensagem semióticas de fé e crenças.

O fotógrafo deve ter sempre em mente que o seu objeto retratável deve ser olhado com respeito, crer naquilo que faz e porquê o faz, e saber que seu trabalho é uma relação comunicacional, pois fotografa não só para si e para quem está sendo fotografado, mas também para o observante da imagem. Assim o é para Guy, um peregrino observador do homem e de Deus.



Anexos

Foto 1 – Nascer do sol em Juazeiro do Norte – Ceará. Fotografia fez parte da exposição “Entre a fé e a febre”.



Foto 2 – Templo do Vale do Amanhecer, Planaltina – DF.



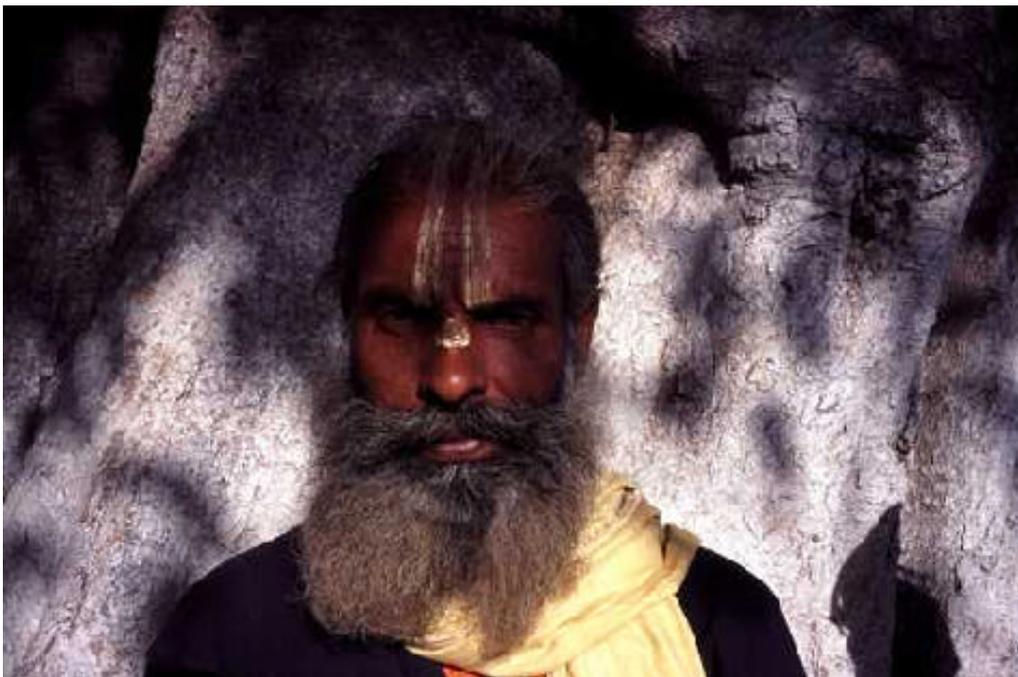
Foto 3 – Compôs a exposição “Entre a fé e a febre”.



Foto 4 – Sem título. Foto realizada em Juazeiro do Norte – Ceará. Esta foto venceu o grande prêmio de fotografia do Salão Arte Pará 2000, e compôs a exposição “Entre a fé e a febre”.



Foto 5 – Foto realizada na Índia. Compôs a exposição “Shanti: o caminho das Índias”.





Referências bibliográficas

_____. **A importância da religião**. Revista Viver mente&cérebro, ed. Duetto, ano XIII, n. 147: abril 2005, p. 57 - 60.

ANDACHT, Fernando. **Giberespaço e cibersagrado como a nova e maior assembléia política religiosa de nosso tempo**. Palestra proferida no Seminário "Mídia, Política e Religião", pós-grad. ECO/UFRJ, set. 2000.

ANGEL, Hans- Ferdinand e; KRAUSS, Andréas. **O Deus interdisciplinar**. Revista Viver mente&cérebro, ed. Duetto, ano XIII, n. 147: abril 2005, p. 48 - 53.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **O reino da morte**. Revista Nossa História, ed. Vera Cruz, ano 3, n. 30: abril 2006, p. 18- 20.

BREUER, Hubertus. **Quando morrer é parte da consciência do dever**. Revista Viver mente&cérebro, ed. Duetto, ano XIII, n. 147: abril 2005, p. 54 - 56.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. **O dia do fogo**. Revista Nossa História, ed. Vera Cruz, ano 3, n. 30: abril 2006, p. 30 - 33.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. **A profecia não cumprida**. Revista Nossa História, ed. Vera Cruz, ano 3, n. 30: abril 2006, p. 38 – 40

GAREIS, Maria da Guia Santos. **Manifestações Religiosas Populares**. Revista Espaço Acadêmico, ano IV, n.38, julho 2004. Disponível em : <http://www.espacoacademico.com.br/038/38cgareis.htm>

JR., John Collier. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. Ed. EPU da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1973.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **O pequeno Canudos**. Revista Nossa História, ed. Vera Cruz, ano 3, n. 30: abril 2006, p. 22- 25.

MARTINS, José de Souza. **A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 16, n. 45, maio/ agosto 2002.

SAMAIN, Étienne. **Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem**: o jornal la Lumière(1851 – 1860). Maio 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n2/8833.pdf>

SILVA, Elizete da. **Entre a fé e a política**. Revista Nossa História, ed. Vera Cruz, ano 3, n. 30: abril 2006, p. 14- 17.



SOSIS, Richard. **O valor do ritual religioso**. Revista Viver mente&cérebro, ed. Duetto, ano XIII, n. 147: abril 2005, p. 39 - 47.

SOUZA, Izabel Marques de. **Penitentes, uma chama de fé**. Juazeiro – ano cem: terra e povo num cântico de amor. Biblioteca pública Prof. Aristóteles Pires de Carvalho, 1978.

STEIL. Carlos Alberto. **O sertão das romarias**. Ed. Vozes, Petrópolis: outubro 1996.

- Internet

Agência de fotografia Arcapress. Disponível em: www.arcapress.com

Enciclopédia virtual Wikipedia. Disponível em : www.wikipedia.org

Site Guy Veloso. Disponível em: www.fotografiadocumental.com.br